



Do ensaio à cena no teatro de Athena

From rehearsal to the scene at the theatre of Athena

Patrícia de Sá Freire Ferreira

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo / Brasil

patricia_ferreira@usp.br

<http://orcid.org/0000-0002-4359-8183>

Resumo: *Athena – Revista de Arte* foi publicada entre 1924 e 1925 em Lisboa, formada por série de cinco números que compõem o primeiro volume da revista idealizada e realizada por Fernando Pessoa. Sua constituição literária conta com a colaboração de autores estritamente vinculados às relações pessoais e com traduções do poeta, sendo o destaque, porém, apresentado pela estreia dos heterônimos Alberto Caeiro e Ricardo Reis e pela presença das obras em *conjunto* de heterônimos e ortônimo. O presente artigo tratará da reunião do universo heteronímico que vem a público, pela primeira vez, nas páginas de *Athena*, a partir de sua gênese, que remonta a um projeto longínquo e permanente na vida literária de Pessoa, cujos registros estão localizados no espólio do autor na Biblioteca Nacional de Portugal. A partir de pesquisa de documentos do espólio, de textos pessoais e outras referências teóricas, serão apresentados alguns pontos de contato entre projeto e revista. Considerados objetos de estudo em si, alguns de seus elementos constitutivos permitiram observar o desenvolvimento do projeto na forma de ensaios, em muitas e variadas versões, até realizar-se numa espécie de encenação verificada na revista, suporte e ambiente do desenrolar do drama heteronímico. Configura-se *Athena* numa espécie de teatro, onde se apresentam, em cena, os personagens-drama de Fernando Pessoa.

Palavras-chave: estudos literários portugueses; revistas literárias portuguesas; estudos pessoais.

Abstract: *Athena – Revista de Arte* was published between 1924 and 1925 in Lisbon, formed by a series of five issues that make up the first volume of the magazine, which was conceived and carried out by Fernando Pessoa. Its literary constitution receives the collaboration of authors closely tied to Pessoa's inner circle and it also includes translations by him; however, the highlights were the debut of heteronyms Alberto Caeiro and Ricardo Reis and the presence of works of heteronyms and orthonyms *together*. This article will address the gathering of the heteronymic universe that comes to public, for the first time, in the pages of *Athena*, from its genesis, which dates back to a distant and permanent project in Pessoa's literary life, whose records are located in the author's estate at the National Library of Portugal. Stemming from research of documents in Pessoa's estate, his texts and other theoretical references, this article presents some points of contact between his project and *Athena* magazine. They are considered objects of study themselves, and analysing some of their constituent elements allowed us to observe the development of the project in the form of essays, in multiple versions, until it was carried out in a kind of staging that takes place in the magazine, which is the environment where the heteronymic drama unfolds. *Athena* acts as a kind of theater, where the drama-characters of Fernando Pessoa are presented on stage.

Keywords: Portuguese literary studies; Portuguese literary magazines; Pessoa studies.

“porque nesta revista me presento vários”

(Fernando Pessoa, nota solta, não assinada)

Datiloscrito de divulgação do nº 1 de Athena – Revista de Arte para o Diário de Notícias (Esp. 87-73).

87-73

Acaba de aparecer o primeiro numero da revista "Athena" dirigida pelo talentoso pintor Rui Vaz e por Fernando Pessoa, uma das mais belas afirmações da vanguarda literaria. A revista apresenta-se admiravelmente e está destinada a alcançar um grande exito.

O aspecto gráfico é excelente e a colaboração seleccionada com intelligencia e criterio.

O primeiro numero traz uma apresentação de Fernando Pessoa, oito sonetos de Henrique Rosa, "Pierrot e Arlequin" de Almeida Negreiros, "Odes" de Ricardo Reis, uma tradução primorosa de "Curvo" de Edgar Poe feita por Fernando Pessoa, e noticias criticas sobre os pintores Lino Antonio e Visconde de Meneses e sobre quatro gravuras de Tiepolo. O numero termina com 18 gravuras duma grande nitidez e impressas em optimo papel.

Diario de Noticias (Lisboa),
1 de Novembro de 1934.



Acaba de aparecer ao público o primeiro número da revista “*Athena*” dirigida pelo talentoso pintor, Rui Vaz e por Fernando Pessoa, uma das mais belas afirmações da vanguarda literária. A revista apresenta-se admiravelmente e está destinada a alcançar um grande êxito.

O aspecto gráfico é excelente e a colaboração seleccionada com inteligência e critério. (PESSOA, 1924)

O datiloscrito acima integra o espólio de Fernando Pessoa, na Biblioteca Nacional de Portugal, e aponta para a forma com que o poeta português pretendeu anunciar ao público a estreia do primeiro número de *Athena – Revista de Arte*. Destinada ao periódico *Diário de Lisboa*, datada de 1º de novembro de 1924, a divulgação (que não veio a lume) prenunciava a série que, a partir de outubro daquele ano até junho do ano seguinte, formaria o primeiro volume da revista idealizada e realizada por Fernando Pessoa.¹ Publicada em cinco números e de periodicidade mensal, sua direção se dividiu da mesma forma que dividida foi a organização interna da revista – por uma separação *tranchée*,² partição rigorosa entre a seção destinada à literatura e outra seção para as demais artes, ficando a cargo de Pessoa a direção do segmento literário, denominado “Textos”, e a cargo do pintor e arquiteto Rui Vaz o segmento artístico “Estampas”. Vaz foi sócio de Pessoa na revista e seu principal financiador, e sua relação com o poeta surge quando ele assume a direção da revista *Contemporânea*, na qual colabora Pessoa, em substituição ao então diretor do periódico, José Pacheco, segundo conta o próprio Pessoa em cartas a Adriano del Valle (PESSOA, 1999, p. 47). Devemos, porém, ter em vista que, embora Pessoa assine apenas a coordenação da parte literária na ficha técnica da publicação, a premissa que estabelece os critérios estéticos da revista de modo geral, apresentada no editorial do nº 1 de *Athena*, é de sua autoria, e é ele também responsável pelo planejamento e execução dos processos necessários para a produção da revista, que, como suporte, exige: produção tipográfica, sistema

¹ Foi previsto um segundo volume, mas nunca publicado. (N. A.)

² A definição “separação *tranchée*” (“separação fatiada”) veio da pergunta do jornalista (não identificado) a Fernando Pessoa na entrevista por ocasião do lançamento de *Athena* e publicada no *Diário de Lisboa* em 3 de novembro de 1924. (N. A.)

de divulgação e anúncios, além da organização interna. Embora tenha participado de quase todas as revistas literárias do modernismo português, apenas em *Athena* ele repete sua autoria em termos de concepção editorial, nove anos após a criação da revista *Orpheu*, em 1915. Como nos conta João Gaspar Simões em sua biografia sobre o autor:

Não tarda, porém, que a ideia de uma revista sua, revista onde a maturidade das suas ideias literárias se consubstancie e ganhe sentido, se lhe imponha como uma necessidade inadiável. E um dia, graças à intervenção de um amigo que pode arriscar alguns capitais, surge *Athena*, tendo como diretores o mesmo Fernando Pessoa e o proprietário dela, Ruy Vaz, professor de desenho e pintor. (SIMÕES, 1973, p. 532).

O próprio Pessoa relata, em 14 de setembro de 1924, num *postscriptum* de uma das cartas a del Valle: “Convidaram-me há pouco para dirigir literariamente uma revista a sair em Outubro. Pus-lhe o nome de *Athena*. – Oportunamente lhe escreverei mais a este respeito.” (PESSOA, 1999, p. 43). Manuela Parreira da Silva, em sua biografia epistolar sobre o poeta, afirma que o sujeito indeterminado na carta, “convidaram-me”, escapa a uma expressão mais acertada, que deveria ser “convidei-me”, pois é clara a condição de Pessoa como criador da revista (SILVA, 2003, p. 350).

É ele, portanto, quem estabelece as bases, os fundamentos estético-filosóficos sobre as composições que servem à conformação da revista, alicerce para delinear o suporte pretendido através das obras que o integram. A Ruy Vaz coube cumprir os preceitos determinados por Pessoa na escolha do conjunto formado pela parte artística, sob a mesma batuta do que rege o projeto elaborado para a parte literária: a da consubstanciação de suas ideias, como observa Simões, que habitaram a trajetória intelectual e literária pessoana, motivo central da publicação. Na constituição de suas “Estampas”, integram-se obras de artistas novos, como Almada Negreiros, Mily Possoz, Lino António, e de outras épocas, tais como Tiepolo, Miguel Lupi e Visconde de Menezes. A abrangência das artes visuais na publicação passa por pintura, escultura, arquitetura, xilogravura, desenho, a arte do livro e o ex-líbris. Conta ainda com breves artigos sobre as obras e artistas de *Athena* de autoria do irmão de

Ruy, Mario Vaz, cuja assinatura aparece abreviada (M.V.). No entanto, o eixo de partida sobre o qual incide nosso artigo – que procura trazer à luz alguns aspectos das muitas facetas componentes dessa revista de arte – reside em sua constituição literária.

Capas dos números que integram o volume I da *Athena* – Revista de Arte.



Fonte: <http://ric.slhi.pt/Athena/revista/>.

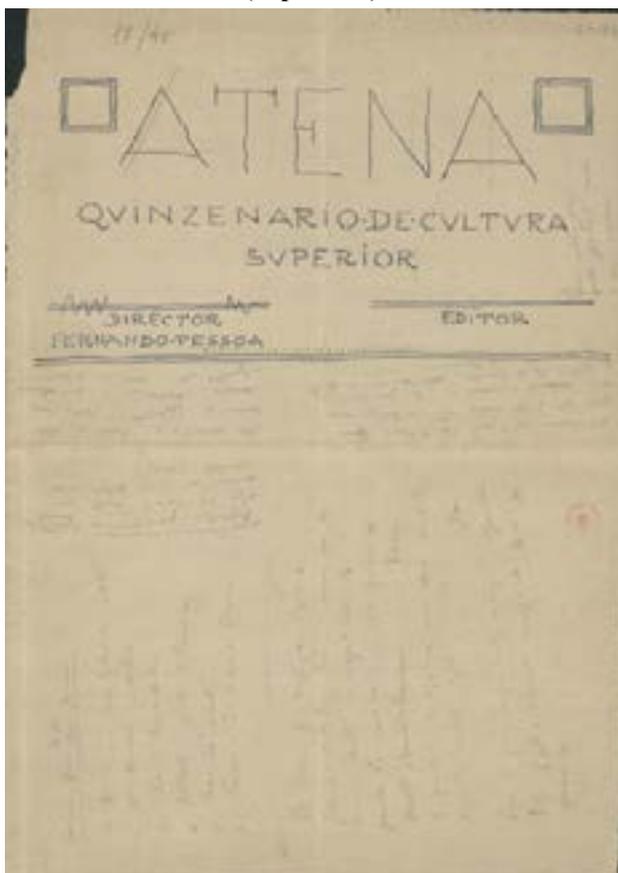
Há, nela, a colaboração de autores estritamente vinculados às relações pessoais: os companheiros da revista *Orpheu* Almada Negreiros, Luís de Montalvor e Mário de Sá-Carneiro (em poemas póstumos), o tio de Pessoa, Henrique Rosa, responsável pela iniciação intelectual do poeta em sua juventude, além de outros autores com distintos níveis de vínculo. As traduções feitas por Pessoa dos poemas de Edgar Allan Poe (*O Corvo* e *Os Poemas Finaes de Edgar Poe*), “ritmicamente conforme com o original”, de contos de O. Henry, artigo de Walter Pater, além de epigramas compilados em uma *Antologia Grega*, trazem ao público o importante e constante perfil tradutor de Pessoa, outra arte à qual o poeta se dedica ao longo da vida. Contudo, a grande novidade dessa constituição literária e – por que não afirmar? – da revista *Athena* em geral se dá de duas maneiras: pela estreia dos heterônimos Alberto Caeiro e Ricardo Reis, e pela presença das obras do conjunto de heterônimos e ortônimo, duas das suas “categorias de obras”, “individualidades distintas da individualidade do autor”, “completa fabricada por ele”, considerando cada uma delas “um drama em gente, em vez de em actos”, como esclarece em sua *Tábua bibliográfica*, publicada em 1928, anos depois da primeira encenação de suas personalidades-

drama em *Athena* (PESSOA, 1928 apud *Presença*, n.17, 1928 p. 10). De Ricardo Reis é publicado, na *Athena* nº 1, o *Livro Primeiro* de suas *Odes*, formado por um conjunto de vinte composições; Alberto Caeiro surge em dois números: na *Athena* nº 4, reunindo 22 poemas de *O Guardador de Rebanhos* e na *Athena* nº 5, num composto de 16 poemas que mais tarde formará a obra *Poemas Inconjuntos*; Álvaro de Campos ressurgue (havia estreado na *Orpheu*) como prosador, publicando três artigos: *O que é a Metaphysica?*, *Apontamentos para uma Esthetica Não-Aristotélica – I* e *Apontamentos para uma Esthetica Não-Aristotélica – II*, nos números 2, 3 e 4 de *Athena*, respectivamente; e o ortônimo Fernando Pessoa (publicado, como Campos, na mesma revista) assina a autoria de *Alguns Poemas*, coletânea de 16 poemas na *Athena* nº3.

Postos em cena de maneira inédita, nunca vista até então, em *Athena* são publicados em *conjunto*, dispostos ao longo dos cinco números. Para Teresa Sousa de Almeida, no prefácio de abertura da revista facsimilada de 1983, “*Athena* é fundamentalmente uma encenação” de seus heterônimos e o restante de suas colaborações “é quase paisagem” (p. 3). Assim sendo, nos termos de uma encenação, soma-se à consideração de Sousa de Almeida a declaração do próprio Pessoa na referida *Tábua*, de que cada individualidade criada “Forma cada uma espécie de drama; e todas elas juntas formam outro drama”. Então, se considerarmos em *Athena* a centralidade da aparição dos heterônimos, reunidos e constituindo, como diz o poeta, uma outra espécie de drama, por que não reconhecer *Athena – Revista de Arte*, enquanto suporte, como uma espécie de teatro, cujo cenário (“a paisagem”) é constituído pelas obras dos outros colaboradores, matérias componentes da estrutura que dá corpo, em alguma medida, à proposta estético-literária da revista? Por que não reconhecer, como Ángel Crespo (2007, p. 178), que Pessoa é “el director de escena” desses dramas “em gente”, e que como tal os traz à cena literária nos palcos da revista para uma “entreección intelectual das personalidades”, de acordo com a declaração do próprio Pessoa no referido texto? Por que não reconhecer, portanto, os personagens do drama pessoano *dramatizando-se*, envolvidos ao cenário erguido no teatro de *Athena*?

pelos anos 1910 e que nunca chegou a ser publicado, mas que se encontra, em muitos planos, no espólio de Fernando Pessoa na Biblioteca Nacional de Portugal – e igualmente se chama *Athena*. Ou seja, a deusa grega confere seu nome à *Revista de Arte* e às formas como se apresenta tal projeto longínquo. Sob seu nome, Pessoa chega a planejar uma escola para minorias, “A School for Minorities”, voltada para o ensino da cultura. Manuela Parreira da Silva observa que o poeta até cria “uma empresa cuja actividade passaria, entre outras coisas, por ministrar cursos de língua estrangeira, estabelecer contactos com empresas estrangeiras do mesmo gênero e publicar uma revista com o mesmo nome” (SILVA, 2003, p. 353). Em relação a essa última, António Mega Ferreira, por exemplo, declara que “desde o período da Grande Guerra que Pessoa trazia em carteira a criação de uma revista em que, sobretudo, se manifestasse a diversidade de seus heterônimos” (FERREIRA, 2005, p. 34). E Fernando Cabral Martins, ao referir-se à *Athena* de 1924, atenta para a relação desta com o projeto anterior, afirmando que “*Athena* é a reformulação neoclássica. Não tanto como num certo projeto em que *Athena* tinha como subtítulo *Cadernos de Reconstrução Pagã*, sendo o diretor Antônio Mora” (MARTINS, 2015, p. 178). De fato, como pudemos conferir no espólio pessoano da BNP, existem variados planos em variadas formas, sob o título geral *Athena*, como uma série de planos editoriais, listagens, alguns textos, boneco para uma *Athena – Quinzenário de Cultura Superior*, uma série de *Cadernos de Cultura Superior* e os *Cadernos de Reconstrução Pagã*, cuja autoria aparece com frequência assinada por Antônio Mora, outra personalidade do universo pessoano de profunda importância na concepção e planejamento desse primeiro projeto para *Athena*. Sobre a questão da imprecisão de datas nos planos do projeto, cabe apontar que esta decorre de frequentes ausências de datação, que por sua vez, como considera Manuela Parreira da Silva (2003, p. 25), impõem “a dificuldade de datar a maioria dos projectos e fragmentos efectivamente escritos” e geram dúvidas sobre a produção desses planos, se “coexistiriam no tempo ou se foram sendo substituídos uns pelos outros na vontade do autor”. De qualquer forma, indica Silva que “O rigor da datação é, apesar de tudo, apenas uma miragem”.

**Boneco de capa para o projeto *Athena – Quinzenário de Cultura Superior*
(Esp. 87-72).**



Dos empreendimentos de Pessoa acima relacionados sob o nome de *Athena*, trataremos neste artigo dos projetos voltados para publicação, associados à produção dos *Cadernos de Cultura*. Para traçar uma breve relação entre *Athena – Revista de Arte* e os *Cadernos* abrigados pelo mesmo título, convém observar alguns pontos de contato entre ambos, como objetos, que permitam entrever possíveis conexões entre uma e outra, como pontes para reflexões futuras. Partindo de planos esboçados para *Athena*, de referências pessoais acerca do universo heteronímico e de algumas premissas estético-filosóficas tanto da revista quanto de tais

esboços, importa-nos a memória que reside no vínculo entre *Cadernos de Cultura* e *Revista de Arte*, entre gênese e realização ou – ainda – entre suporte, enquanto revista, e um suporte *que não há*, enquanto cadernos, como planos que são. Afinal, como avalia Teresa Rita Lopes (1990, I, p. 203), em relação à *Athena*, “nos muitos planos que foi esboçada, era isso: o adro do templo em que representa ser vários. Esse plano acompanhou-o pela vida fora desde a mais tenra idade dos Heterónimos até 1924, data em que finalmente apareceu – mas tão desfigurada!”.

O principal ponto em comum entre tais objetos é a representação do universo heteronímico. Entre um e outro percebe-se, pela variedade de planos encontrados até a configuração definitiva da revista, uma série de organizações que sugerem modificações ou variações ao longo do tempo, confluindo ou não em sua forma final. Os primeiros projetos de *Athena* possuem direção geral assinada por António Mora. Mora, ou melhor, Dr. António Mora, é “provavelmente, entre os múltiplos autores fictícios pessoanos, aquele que mais se terá aproximado do estatuto de heterônimo”, por fazer parte do “conjunto dos designados discípulos do Mestre, Alberto Caeiro” (SILVA, 2003, p. 9) também formado por Ricardo Reis, Álvaro de Campos e o Fernando Pessoa ortônimo. Participa, enfim, do “*theatrum mundi* heteronímico”, erguido como “hiperespaço da máquina de produzir multiplicidades” (TEIXEIRA, s/d apud MARTINS, 2010, p. 490). Num dos fragmentos que compõem as *Notas para a Recordação do Meu Mestre Caeiro*, Álvaro de Campos aponta que as “ideias organicamente ocultas na expressão poética do meu mestre Caeiro” buscaram se definir através de “certas teorias” dele e de Ricardo Reis, mas principalmente do sistema filosófico – “esse perfeitamente definido” de António Mora. Esclarece que “Tão fecundo é Caeiro que cada um de nós três, devendo todos o pensamento da alma ao nosso mestre comum, produziu uma interpretação da vida inteiramente diferente da de qualquer dos outros dois”, sendo ele e Reis “fundamentalmente poetas” e Mora “puramente intelectual”, responsável, no campo metafísico, pela poética encarnada na figura do mestre, traduzindo em filosofia, delineando um sistema “que é realmente um sistema, e não uma atitude ou um remexer” (SILVA, 2003, p. 9). E, como construtor de um sistema filosófico, adquire autonomia, assume o lugar do autor, o que o legitima

a aproximar-se da *coterie* pessoana, acercar-se da encenação. Só não se afirma verdadeiramente como heterônimo porque, ao contrário de Caetano, Reis e Campos, não se desdobra como tal, “alguém capaz de criar literalmente: o heterônimo é um criador, alguém que analisa as sensações”, como afirma José Gil em sua obra *Fernando Pessoa ou a Metafísica das Sensações* (2018, p. 210). Ou, como o próprio Pessoa afirma, “Em prosa é mais difícil de se outrar” (PESSOA, 1966, p. 106). E foi como pensador das “ideias ocultas” contidas na poética de Alberto Caetano que António Mora criou o sistema filosófico organizador de tal poética na esfera do pensamento e que se assenta no neopaganismo de Fernando Pessoa: “Uma das partes mais importantes e maiores da obra pessoana está intimamente ligada à apresentação e explicação desta essência”, afirma Steffen Dix (2010, p. 525), professor e pesquisador alemão estudioso do modernismo português.

O neopaganismo em Pessoa, vastamente aprofundado nos estudos sobre o autor, parte de uma depuração do conceito de neopaganismo que vem do surgimento dos deuses da antiguidade clássica nas artes e na literatura, e que foi se revitalizando em alguns momentos de suas histórias, como, por exemplo, no século XVIII, com Hölderlin, e no início do século XX, com Rainer Maria Rilke. Em breves linhas podemos considerar que, para a obra de Pessoa, o neopaganismo empreende um amplo retrospecto ao mundo antigo, a partir do qual “nasce um Neopaganismo literário absolutamente invulgar, acompanhado muitas vezes de um caráter programático”, declara Dix (2010, p. 525). Nessa direção, as *Notas* de Campos procuram conferir dimensões ao elenco heteronímico em relação ao entorno neopagão: “O meu mestre Caetano não era um pagão: era o paganismo. (...) Ricardo Reis é um pagão por carácter, o António Mora é um pagão por inteligência, eu sou um pagão por revolta, isto é, por temperamento. Em Caetano não havia explicação para o paganismo; havia consubstanciação” (PESSOA, 1998, p. 108). É de se notar que Campos não incluiu nessa relação pagã o ortônimo Fernando Pessoa. Ao contrário, o coloca apenas à porta do paganismo: “o próprio Fernando Pessoa seria um pagão se não fosse um novelo embrulhado para o lado de dentro” (SILVA, 2003, p. 10). Mas é Pessoa que melhor explica o ortônimo como discípulo de Caetano na famosa carta

a Adolfo Casais Monteiro de 13 de janeiro de 1935, em que esclarece ao amigo a gênese dos heterônimos. Nela, Pessoa conta que, no “dia triunfal da minha vida”, em que escreveu “trinta e tantos poemas a fio” e deu a eles o título de *O guardador de rebanhos*, aparecera “alguém” nele, nomeado Alberto Caeiro, “aparecera em mim o meu mestre” – e em seguida produziu “os seis poemas que constituem a *Chuva oblíqua*, de Fernando Pessoa” (PESSOA, 1999, p. 343). O paganismo, portanto, em Pessoa, atrela à potência mítica reservada aos deuses da antiguidade clássica, sobretudo a grega, seus “três nomes de gente”, ou seja, procura conferir estatura mitológica a seus heterônimos enquanto individualidades, como declara em suas *Páginas Íntimas de Auto-Interpretação*: “Desejo ser um criador de mitos, que é o mistério mais alto que pode obrar alguém na humanidade” (PESSOA, 1966, p.100).

Por tal perspectiva da despersonalização heteronímica importa observar que António Mora erige um sistema filosófico de cunho fictício e, no entanto, crível, estruturado, de caráter programático. *O Regresso dos Deuses* é sua obra filosófica que trata da poética de Alberto Caeiro. Os outros (Campos, Reis e o próprio Caeiro) fazem poema, se fazem em poema, e o Mestre é a própria poética que insufla as despersonalizações – Mora transforma esse universo em teoria, na tentativa de uma reconstrução pagã. Autor dos muitos planos para os *Cadernos de Cultura* que possuem *Athena* por título, organiza em projetos editoriais as obras dos três heterônimos e de si mesmo, visando à publicação de uma revista que propagasse essas obras e que levasse o nome da deusa grega, representação mítica da união entre arte e ciência. Construiu, qual arquiteto, uma espécie de templo “em que Pessoa fez acontecer essa nova religião que o Neopaganismo Português quis ser”, diz Rita Lopes. Essa nova religião emerge da ideia pessoana de cultura que, para ele, é iniciação, “precisamente porque permite ao ser despertar para uma nova vida”, finaliza a pesquisadora (LOPES, 1990, I, p. 197). Tal ideia de cultura permanecerá na trajetória de planejamentos para *Athena* até tornar-se editorial da publicada *Revista de Arte*.

O editorial de António Mora e os planos editoriais para o projeto de *Athena* apontam para uma publicação destinada fundamentalmente ao neopaganismo pessoano e ao mundo heteronímico, com base em “um segundo regresso dos deuses gregos e romanos, ou uma nova modernização do mundo antigo dentro das artes e da literatura” (DIX,

Plano editorial de *Athena*, *Cadernos de Cultura Superior* (nº 1 e nº 2) (Esp. 87-68)



Proposta de Publicação para quatro *Cadernos de Reconstrução Pagã* sob o nome de *Athena* (Esp. 48g-33)



Outro ponto de aproximação entre *Cadernos de Cultura* e *Revista de Arte* reside em um determinado critério editorial, tanto dos projetos para *Athena*, então *Cadernos de Cultura*, quanto dos que constam da *Revista de Arte*. Ambos possuem em comum o primado pela publicação de obras inteiras. Mora, no editorial para o antigo projeto, informa que “esta publicação se destina à estampa de obras definitivas, quer sejam estudos de especialidade, completamente feitos, quer alinhamentos de séries de poemas, formando um conjunto definido, ou digamos, dramas ou novelas completos” (LOPES, 1990, II, p. 285). Fernando Pessoa, em entrevista publicada no *Diário de Lisboa* em 3 de novembro de 1924, logo após o lançamento do primeiro número da revista, declara que, como método, “Exclui-se o critério de fragmentação (amostras e retalhos): não se publicam nem trechos esteticamente compreensíveis só como fragmentários – isto é, incompreensíveis – nem poucas produções de um autor para cuja compreensão sejam precisas muitas”.³

Temos, portanto, ao menos dois pontos de contato, dois pontos em comum entre projeto, idealização, num suporte previsto, e a revista como realização, num suporte concreto, posto em circulação. O que liga um objeto a outro reside na perseverança de propagar o mundo heteronímico e neopagão de Fernando Pessoa – planejada, reivindicando para si o estatuto de um *projeto* que veio sendo ensaiado desde muito cedo na vida literária de Pessoa até sua materialização, posta em cena nos palcos de um teatro em forma de *Revista de Arte*, chamado *Athena*. A “encenação necessária” que estreia na revista, como observa Sousa de Almeida no prefácio da revista fac-similada (1983, p. 2), emerge desse antigo projeto que nunca ficou em suspenso. Passa a acompanhar Pessoa ao longo de sua trajetória literária, como editor e criador de listas com fins literários que nunca saíram do estado de plano. Um projeto que o perseguia na tentativa de pôr em relação o mundo heteronímico em um espaço concreto, suporte convertido em palco da matéria literária, como peça ensaiada diversas vezes e enfim encenada como *Revista de Arte*, congregando outros elementos que não apenas os heterônimos, talvez para cumprir os critérios necessários que um suporte como revista impõe. As revistas de cultura, em especial as literárias, possuem alguns traços distintivos, invariáveis funcionais que lhes garantem autonomia como

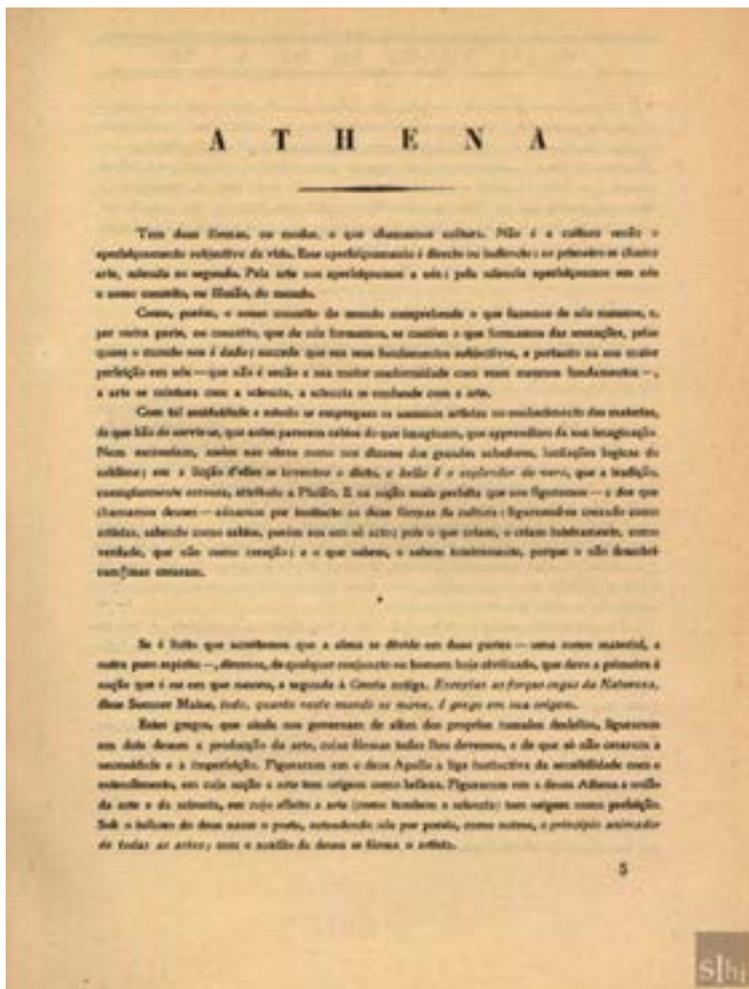
³ “A revista *Athena* e o que nos afirmou Fernando Pessoa”. *Diário de Lisboa*, 3 de novembro de 1924.

tal, como aponta a pesquisadora Sandra Raguinet (2011, p. 108), da Universidade de Provence, como, por exemplo, o elemento coletivo, que é um aspecto invariável das revistas literárias em geral. Daí, provavelmente, a necessidade da construção de um “teatro”, na forma desse suporte, e de um “cenário”, na forma das colaborações de outros artistas e escritores – criando, enfim, “o adro do templo em que representa ser vários”, para retomarmos Rita Lopes (1990, II, p. 203).

Mas como se apresenta, afinal, tal encenação heteronímica? De que forma, ao longo dos cinco números que compõem esse tablado, os heterônimos se colocam nesse conjunto dramático? Porque é evidente que Pessoa, como diretor de cena que é, não deixaria de estabelecer uma ordem de apresentação, operando a encenação de seus “dramas em gente” os quais, reunidos, postos em coexistência e relacionando-se entre si, “formam um outro drama”. Como se daria o desenrolar desse “outro drama”? Nos traria algum vestígio das dimensões de relações e influências entre os heterônimos? Os estudos de José Gil, em obra já mencionada neste artigo, são fundamentais para o entendimento de tais relações. Contudo, nos deteremos aqui apenas na disposição, nas marcas de palco em *Athena* destinadas a cada heterônimo, que juntos provavelmente cumprem determinados papéis nessa encenação, e que convém ser analisada detidamente em estudo à parte.

O editorial de *Athena – Revista de Arte* organiza o cenário: propõe que a arte seja um “aperfeiçoamento subjetivo da vida” assente na ideia de cultura feita da harmonia entre arte e ciência e que, na busca do equilíbrio, deve-se estar “criando como artistas, sabendo como sábios, porém em um só ato”, tendo o artista que saber que o “indivíduo mata a individualidade” (1924, p. 5-6). É preciso, portanto, exercer contínua despersonalização na criação, o subjetivo confluindo com o objetivo, pois somente destarte “o produto assim formado terá vida” (1924, p. 8). Se tal consciência em forma de ato consegue erguer uma voz poética desumanizada, então podemos nos aproximar melhor da condição de *outra gente* que não o autor se formar, surgir dele e se descolar dele, como obra literária autônoma em si mesma, numa radicalização do fazer artístico, em que a própria natureza do artista já é deslocada do eu para o que se cria – e o que se cria é outra voz, sem indício do *eu* que lhe deu origem.

Primeira página do editorial *Athena* – *Revista de Arte*, por Fernando Pessoa.



Tais considerações permitem analisar a questão da heteronímia em *Athena* por trazer elementos que correspondem ao poder dramático de cada obra em si mesma e que o poeta apresenta, na revista, como resultado do aperfeiçoamento subjetivo posto em ato – ou melhor, em *gente* – encenando a ação harmônica atribuída ao que chama de “império de *Athena*” (1924, p. 8). O plano de atuação dos heterônimos no teatro de

Athena se apresenta em suas páginas da seguinte forma:⁴ a capa de *Athena* n° 1 se abre como se abre a cortina do palco, como quem ilumina ambiente cênico, e eis que, finalmente, se põem em cena seus “dramas em gente”.

É Ricardo Reis que abre a encenação em *Athena*. O n° 1 da revista apresenta vinte *Odes* do poeta “clássico” que constituem o *Livro I* como coletânea. Recordamos que, nesse tempo, Reis está exilado no Brasil há cinco anos e ainda não publicou um único verso. O público leitor, que ainda pouco conhece Pessoa e Campos, desconhece nesse momento Reis e Caeiro. Não é à toa a escolha do poeta neoclássico para abrir esse número da revista que pode ser considerado como um primeiro ato. É, na linha direta de representação de fundo clássico, como pretendem os preceitos de *Athena*, a obra heterônima de correspondência mais evidente. As *Odes* publicadas nesse n° 1 não vêm acompanhadas de notas nem de outra qualquer referência. Teresa Sousa de Almeida, no prefácio já mencionado, nos indica que sua aparição logo no primeiro número “funciona como uma verdadeira arte poética que ilumina o que Pessoa acabara de teorizar” (1983, p. 4). Em seguida surge Álvaro de Campos na *Athena* n° 2, que assume seus dotes de prosador. Como aponta Robert Bréchon, outro biógrafo do poeta (1998, p. 389), assume “o papel pouco simpático do ‘espírito que nega’”. Executa no texto *O que é a Metaphysica?* uma resposta aos textos de Pessoa e de Reis publicados no primeiro número da revista e que exaltam o classicismo grego (um na ideia e o outro na forma):

Na opinião de Fernando Pessoa, expressa no ensaio “*Athena*”, a *philosophia* – isto é, a *metaphysica* – não é uma ciência, mas uma arte. Não creio que assim seja. Parece-me que Fernando Pessoa confunde o que a arte é com o que a ciência não é. (1924, p. 59).

O número a seguir acentua a representação dramática entre as vozes heterônimas e a ortônima. Fernando Pessoa abre o n° 3 da revista, “depois de Reis e antes de Caeiro”, como situa Bréchon (1998, p. 390). Entra em cena com dezesseis poemas, sendo dois poemas destinados a *Mensagem* e os demais como sendo *De um cancionero*, como o poema “Ela canta, pobre ceifeira”, que muitos estudiosos reconhecem como

⁴ Não consideramos o editorial de *Athena* n° 1 nem o texto em homenagem a Mário de Sá-Carneiro na *Athena* n° 2, pela razão de não constarem como obras ortônimas na *Tábua bibliográfica*. (N.A.)

um dos poemas mais significativos de todo o *Cancioneiro*, obra que será publicada apenas em 1930. Possuem em comum a tentativa de fixar expressões efêmeras, sugestões de universos difusos, onde nada se apreende e tudo se perde no indizível. Álvaro de Campos retorna ao palco para fechar a seção literária dessa edição com a primeira parte de outro artigo chamado *Apontamentos para uma Esthetica Não-Aristotélica*, em que mais uma vez tensiona com Pessoa e sua referência ao clássico, propondo uma nova estética em que a arte se oponha à ciência, “o que na aristotélica não acontece” (1924, p. 114). Dando continuidade à encenação, em *Athena n° 4* se apresenta não só Álvaro de Campos – encerrando sua participação na revista – com a segunda parte de seus *Apontamentos para uma Esthetica Não-Aristotélica*, mas se conduz finalmente para o centro do drama e para conhecimento do público o mestre Alberto Caeiro, através da reunião de 22 poemas que compõem *O Guardador de Rebanhos*. É a única obra heterônima que se apresenta com duas datas: de início e fim da obra e de nascimento e morte de seu autor, talvez para reforçar seu caráter de individualidade “completa fabricada por ele”, acentuando dessa forma sua realização máxima de desumanização da arte. Os poemas de Caeiro atuam ainda como resposta aos poemas de Fernando Pessoa no número anterior, repletos de desdobramentos do pensamento. Os poemas de Caeiro, ao contrário dos da obra do ortônimo, são de uma arte de recusa ao pensamento, de uma poética que se baseia na sensação (“Pensar é estar doente dos olhos” ou “O rebanho é os meus pensamentos/ E os meus pensamentos são todos sensações”), e nessa recusa funda, na obra pessoana, a escrita que se afirma como “coisa natural”, “Como se escrever fosse uma coisa que me acontecesse/ Como dar-me o sol de fora” (1924, p. 154).

O quinto e último número da revista se comporta como uma espécie de epílogo: é do mestre Alberto Caeiro a última voz que encerra a encenação das obras heterônimas nesse que é o último número de *Athena*. Trata-se de mais uma escolha de poemas, dessa vez reunindo seus *Poemas Inconjuntos*, nome dado por Ricardo Reis.⁵ Apresentam-se da mesma forma que no número anterior, com as datas de nascimento e morte do autor e da obra, realçando assim a sua estética formal do “drama em gente” criado. O conjunto de poemas encerra a seção literária do último número e da revista como um todo, como o correr das cortinas ao fim da apresentação. Pessoa decidiu, de acordo com Bréchon, encerrar “de maneira geral essa ‘representação’ do teatro heterônimo” (1998, p.

⁵ Segundo Álvaro de Campos em suas *Notas para a recordação do Meu Mestre Caeiro*. (N.A.)

392) que são os cinco números de *Athena*, conferindo a Caeiro o papel de deixar, ao final da revista, o que melhor define a personalidade como mestre heterônimo – o desfecho como testamento e epitáfio: “Um dia deu-me o somno como a qualquer criança. / Fechei os olhos e dormi. / Além d’isso, fui o único poeta da Natureza” (1924, p. 204). Em seguida, a contracapa fecha o último número, ou a última cena, como a peça que se encerra com um descer da cortina sobre um palco.

Procuramos, no presente artigo, observar um pouco da história de um dos muitos aspectos que constituem *Athena – Revista de Arte*, sendo o universo heteronímico nela presente talvez o maior contributo da publicação para os estudos literários portugueses. Passamos por sua constituição apresentando o elenco heteronímico, abordando sua gênese e sua sistematização, bem como tênues dimensões do movimento contido no conjunto fundamental da criação poética pessoana. Buscamos reconhecer a revista como encenação e o projeto como ensaio, projeto este que, de acordo com os registros do espólio, preenche a vida literária de Pessoa ao longo dos tempos, ainda que sob a chancela de outros projetos, e que vai se realizar definitivamente na revista, como teatro etéreo daquele que inventa palcos e cenários para ser o espectador de si mesmo. Todas as questões aqui abordadas possuem desdobramentos sobre os quais poderíamos nos estender e se encontram bem fundamentadas nos estudos pessoanos. Sendo, porém, de extensões que escapam às dimensões do artigo, fica a sugestão de continuação da matéria, devido à natureza de um projeto tão profundo.

Referências

ALMEIDA, Teresa Sousa de. *Athena* ou a encenação necessária. In: *Athena – Revista de Arte*, ed. Fac-similada. Lisboa: Contexto, 1983.

Athena – Revista de Arte. Ed. fac-similada. Lisboa: Contexto, 1993.

BRÉCHON, Robert. *Fernando Pessoa estranho estrangeiro – uma biografia*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

CRESPO, Ángel. *La vida plural de Fernando Pessoa*. Barcelona: Seix Barral, 2007.

DIX, Steffen. Neopaganismo. In: MARTINS, Fernando Cabral (coord.). *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo português*. São Paulo: Leya, 2010.

FERREIRA, António Mega. *Fazer pela vida: um retrato de Fernando Pessoa, o empreendedor*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2005.

GIL, José. *Fernando Pessoa, ou a metafísica das sensações*. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

LOPES, Teresa Rita. *Pessoa por conhecer: Roteiro para uma expedição*. Vol. I. Lisboa: Estampa, 1990a.

LOPES, Teresa Rita. *Pessoa por conhecer: Textos para um novo mapa*. Vol. II. Lisboa: Estampa, 1990b.

MARTINS, Fernando Cabral. *Introdução aos estudos de Fernando Pessoa*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2015.

MARTINS, Fernando Cabral (coord.). *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo português*. São Paulo: Leya, 2010.

PESSOA, Fernando. *Correspondência. 1923-1935*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1999.

PESSOA, Fernando. *Páginas íntimas e de auto-interpretação*. Lisboa: Ática, 1966.

PESSOA, Fernando. *Obras em prosa*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.

PESSOA, Fernando. *O regresso dos deuses e outros escritos de António Mora*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2013.

PESSOA, Fernando. Tábua Bibliográfica. *Presença*, n.17, dezembro 1928.

RAGUENET, Sandra. Dos usos e funções das revistas literárias à intermedialidade inovadora de *Banana Split*. *Alea*, n. 1, vol. 13, janeiro-junho 2011.

RIC – Revistas de Ideias e Cultura, 2016. Disponível em <<http://ric.slhi.pt>>. Acesso: 28 de abril de 2022.

SILVA, Manuela Parreira da. *Realidade e ficção – para uma biografia epistolar de Fernando Pessoa*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.

SIMÕES, João Gaspar. *Vida e Obra de Fernando Pessoa - História de Uma Geração*. 3ª ed.

Lisboa: Livraria Bertrand, 1973.

Data de submissão: 28/06/2022

Data de aprovação: 07/07/2022